

PSICANÁLISE E ARTE: REFLEXÕES SOBRE VALOR¹

Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira² e Daniel Kupermann³

RESUMO

Pretendemos, neste artigo, esboçar uma contribuição psicanalítica sobre o valor da obra de arte. Para tanto, seguimos o seguinte percurso: apresentamos dois momentos da obra freudiana sobre o valor do tratamento psicanalítico; em seguida, conceituamos o que é pulsão e o que é investimento pulsional. Por fim, apresentamos a sublimação como destino pulsional possível. Abordamos como a arte pode ser compreendida desses três pontos de vista, apostando em que essas reflexões sobre a arte a partir da psicanálise revelam a natureza do valor da própria psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. Arte. Valor. Dinheiro. Metapsicologia.

ABSTRACT

Our aim in this article is to sketch a psychoanalytical contribution about the value of the work of art. In order to do so, we present two moments of the Freudian theory regarding the value of the psychoanalytical treatment. Then we present the concept of drive and cathexis. Finally, we present sublimation as a possible drive vicissitude. We approach how art can be understood from these points of view and how these psychoanalytical reflections on art reveal the nature of psychoanalysis' value itself;

Keywords: Psychoanalysis. Art. Value. Money. Metapsychology.

-
- 1 Este trabalho deriva da tese de doutorado do primeiro autor, realizada sob orientação do segundo, intitulada “Lugares do dinheiro e do pagamento em Psicanálise”, realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
 - 2 Psicanalista, psicólogo, mestre em Psicologia Social e doutorando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do psiA – Laboratório de Pesquisas e Intervenções Psicanalíticas. Participante do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. E-mail: luiz.vasconcelos.moreira@gmail.com.
 - 3 Psicanalista, professor livre-docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde coordena o psiA – Laboratório de Pesquisas e Intervenções Psicanalíticas. Autor dos livros *Por que Ferenczi?* e *Estilos do Cuidado* (Zagodoni, 2019, 2017), *Transferências Cruzadas* (Escuta, 2014), *Presença Sensível* e *Ousar Rir* (Civilização Brasileira, 2008, 2003). Bolsista produtividade do CNPq. E-mail: dkupermann@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Não faz muito tempo, um jovem titã do mercado imobiliário de Nova York estava sentado no consultório de seu psicoterapeuta. Um colecionador de arte, ele estava pensando em dar um lance de 8 milhões de dólares em uma pintura, e algo a respeito do negócio o deixava desconfortável. O terapeuta pensou que o paciente estava apenas tentando impressioná-lo. Isto acontecia sempre que o paciente se sentia inseguro, o que acontecia na maior parte do tempo. Mas em vez de tentar explorar a ansiedade do paciente, o terapeuta encorajou-o a comprar a obra de arte: “É isto o que você quer; você deveria ir pegar o quadro”.

A citação acima, extraída da reportagem “Desafios dos pacientes de 600 dólares a sessão”, de autoria de Eric Konigsberg e publicada no dia 7 de julho de 2008 no jornal *The New York Times*, começa com esse curioso encontro entre psicanálise e arte, velhas conhecidas: o colecionador de arte para quem dinheiro parece não ser problema, está, se não literalmente ao menos metaforicamente, no divã.

Arte e psicanálise velhas conhecidas, pois: para começar, Freud já dizia que os poetas chegavam sempre antes dos psicanalistas a suas próprias descobertas. Não por acaso Freud dedicou vários textos ao tema dos artistas e seu processo criativo (como “O poeta e o fantasiar”, 1908) e a obras propriamente ditas (como “O ‘Moisés’, de Michelangelo”, de 1914, e “A *Gravida*, de Jensen” – Freud gostava mais de literatura e escultura do que de pintura, se considerarmos sobre o que escreveu). Isso sem levar em conta as numerosas citações e menções a obras literárias ao longo de seus textos.

Sem nos determos a considerar a validade ou procedência das teses freudianas sobre a arte, os artistas e a natureza do processo criativo, é importante notar que o próprio campo da arte absorveu, ao longo dos séculos XX e XXI, a influência de ideias psicanalíticas.

Quanto arte e psicanálise podem, afinal, valer?

I

Podemos considerar a questão do valor em psicanálise a partir de dois pontos de vista que necessariamente se encontram e se determinam mutuamente. O primeiro diz respeito a quanto custa o tratamento psicanalítico, o que, para Freud, está em correlação com quanto se cobra ou se deveria cobrar, pelo ou pela psicanalista, de seu ou sua paciente. Quanto a isso, podemos encontrar na obra freudiana uma mudança de opinião entre a publicação dos textos “O início do tratamento”, de 1913, e “Caminhos da terapia psicanalítica”, de 1918. Se não, vejamos o que nos diz Freud.

Preocupado em apresentar as “regras do jogo” e estabelecer “uma conduta medianamente indicada ao médico [psicanalista]”, Freud acaba por apresentar o que define como “recomendações”, as quais não deveriam conformar nenhum tipo de obrigatoriedade (FREUD, 1913, p. 124) e que versarão de maneira detida sobre *tempo* e *dinheiro*: “Ele demonstra ter se desembaraçado ele mesmo da falsa vergonha, ao comunicar espontaneamente em quanto estima seu tempo. (...) Como se sabe, o valor de um tratamento não é aumentado aos olhos do paciente quando se cobra bem pouco por ele” (ibidem, p. 132).

Sem se comportar como “filantropo desinteressado”, diz Freud que, “em prol de sua reivindicação de pagamento, o analista alegará também que, embora trabalhe muito, jamais ganhará tanto como outros especialistas da medicina. Pelas mesmas razões ele deve se recusar a tratar alguém sem honorários, e não fazer exceção para os colegas ou seus parentes (idem).

Essa posição em relação ao dinheiro e às próprias necessidades (para não dizer interesses), sem dúvida nenhuma, delimita quem o ou a psicanalista poderia receber em seu consultório:

Podemos nos situar bem longe da condenação ascética do dinheiro, e no entanto lamentar que a terapia analítica, por razões externas e internas, seja quase inacessível para os pobres. (...) Quem ataca a neurose de um pobre com os meios da psicoterapia, via de regra faz a comprovação de que o caso pede uma terapia prática inteiramente diversa, do tipo que, segundo a nossa tradição local, era utilizado pelo imperador José II (ibidem, pp. 133-4).

Não nos enganemos: o imperador José II da Áustria ficou conhecido por um conjunto de medidas caritativas e assistenciais aos pobres e despossuídos, medidas estas que se afastavam da posição de um ou uma psicanalista a respeito de seus honorários e de sua prática clínica. Entre aqueles que poderiam pagar por um tratamento psicanalítico e aqueles que não poderiam havia, entretanto, aqueles que talvez pudessem fazê-lo, ainda que com certo esforço financeiro:

Para a classe média, o gasto de dinheiro exigido na psicanálise é excessivo apenas na aparência. Sem considerar que são incomensuráveis, de um lado, saúde e capacidade de realização, e, de outro, um moderado dispêndio financeiro: somando os gastos infundáveis com sanatórios e tratamento médico, e contrapondo a eles o acréscimo da capacidade de realização e aquisição, após uma terapia analítica bem-sucedida, pode-se dizer que os doentes fizeram um bom negócio. Não há nada mais caro na vida que a doença – e a estupidez. (ibidem, p. 134)

Atentemos para a expressão “bom negócio”: o preço de uma psicanálise, os honorários de um ou uma psicanalista se justificam pelo valor de

riqueza que podem gerar (o “aumento da capacidade de realização e aquisição”) e pela economia com outros tratamentos de saúde. O valor *líquido* despendido seria, então, favorável à causa psicanalítica.

Em 1918, no entanto, no primeiro congresso internacional de psicanálise a ter lugar após a Primeira Guerra Mundial, Freud retomará esta questão de maneira surpreendente:

Por fim, quero abordar uma situação que pertence ao futuro, que para muitos dos senhores parecerá fantástica, mas que, a meu ver, merece que tenhamos o pensamento preparado para ela. Os senhores bem sabem que nossa ação terapêutica não é muito extensa (FREUD, 1919, p. 216).

Naturalmente, está em questão aqui a extensão da psicanálise: quem poderia se beneficiar da “ação terapêutica da psicanálise”? É mesma questão de 1913, já velha de cinco anos e um tanto mais envelhecida em função da miséria em que se encontrava a Europa após mais de quatro anos de conflito bélico. Há uma notável mudança de tom no discurso de Freud, perceptível quando ele afirma que

somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. Na abundância de miséria neurótica que há no mundo, e que talvez não precise haver, o que logramos abolir é qualitativamente insignificante. Além disso, as condições de nossa existência nos limitam às camadas superiores da sociedade, que escolhem à vontade seus próprios médicos, e nessa escolha são afastadas da psicanálise por todo gênero de preconceitos. Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente. (ibidem, p. 217)

Considerando que “as neuroses não afetam menos a saúde do povo do que a tuberculose”, Freud propõe a fundação de clínicas gratuitas e institutos privados para cuidar daquela população que não consegue ser atendida por seus próprios meios. “*Esses tratamentos serão gratuitos*” (idem, grifo nosso). Os debates iniciados nesse artigo são vários, abordando tópicos que vão desde questões técnicas do tratamento psicanalítico (como, por exemplo, se a técnica deveria ou não ser a mesma para o tratamento das camadas pobres da população) até a institucionalização do movimento psicanalítico, com a efetiva fundação das clínicas psicanalíticas.

Entre essas pontas, temos a formação do ou da psicanalista, que mudou radicalmente (e, pelo menos no período do entreguerras, passou a se dar no âmbito dessas clínicas gratuitas), e a questão do valor da psicanálise entendida dentro um contexto mais amplo: não só as necessidades materiais do ou da psicanalista bastam para determinar o valor ou o preço de um tratamento psicanalítico, mas também o valor que a própria

psicanálise pode ter no campo social. Como essas duas posições se articulam e se negam ainda é uma questão em aberto, como o debate sobre a formação de psicanalistas (cf. FONSECA, 2017; BARBOSA, 2017; MARTINS e LEITE, 2017) e o movimento das clínicas gratuitas em espaços públicos nos mostram (cf. DANTO, 2005).

II

Podemos também abordar a questão do valor em psicanálise de um outro ponto de vista:

... ao considerar os processos psíquicos que estudamos, introduzimos o ponto de vista econômico em nosso trabalho. Uma descrição que, junto ao fator topológico e ao dinâmico, procure levar em conta esse fator econômico, parece-nos ser a mais completa que hoje podemos imaginar, merecendo a designação de *metapsicológica* (FREUD, 1920, p. 121).

Está em jogo, portanto, uma tentativa de descrever de modo teórico e abstrato o modo como se organiza nosso psiquismo segundo as instâncias que o compõem, suas funções, as relações que estabelecem entre si e, a partir dessas relações, como se dá a circulação de *quantidades* de energia entre elas.

A essa carga energética, variável, ainda que não precisamente quantificável, se dá o nome de *Trieb*, termo em alemão cuja tradução para o português é motivo de alguma discussão: *pulsão* ou *instinto* são duas possibilidades com pressupostos e consequências distintas⁴. De todo modo, a pulsão seria composta de quatro elementos, quais sejam:

Por *impulso* de uma pulsão compreende-se o seu elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa. (...) A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão. (...) O *objeto* da pulsão é aquele com o qual ou pelo qual a pulsão pode alcançar a sua meta. (...) Por *fonte* da pulsão se compreende o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo (idem, 1915, pp. 42-3).

Além dessa anatomia, Freud propõe quatro destinos possíveis para as pulsões: reversão no contrário, voltar-se contra a própria pessoa; repressão e sublimação (ibidem, p. 46). É a última que nos interessará mais de perto.

4 Na edição consultada para o presente texto, publicada pela Companhia das Letras, com tradução de Paulo César de Souza, optou-se pelo termo *instinto*, que substituímos pelo termo *pulsão* ao longo das citações. O debate a esse respeito pode ser encontrado em SOUZA (2010).

Por fim, essa energia que circula pelo psiquismo pode ser *investida*. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), investimento é um “termo extraído por Sigmund Freud do vocabulário militar para designar a mobilização da energia pulsional que tem por consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 398).

Apesar de sua origem ser remetida ao vocabulário militar, há aqui um aspecto econômico importante: quanto maior o investimento em um objeto (como, por exemplo, arte), maior a quantidade de energia pulsional (a libido) mobilizada no processo. Como, no entanto, a pulsão é um constructo teórico que serve para pensarmos abstratamente sobre os processos psíquicos, resta-nos indagar quais são as figuras por meio das quais ditos investimentos se manifestam concretamente.

Retornando às ideias apresentadas na seção anterior deste texto, podemos perceber como muito rapidamente *investimento pulsional* pode encontrar um equivalente em *investimento financeiro* ou *gasto de dinheiro*: o modo como o ou a psicanalista avalia o valor de seu tempo, por exemplo, encontra eco em quanto vale sua consulta e no valor que o ou a paciente paga por ela.

Não é à toa, portanto, que um dos impasses para se pensar a questão do valor em psicanálise aparece justamente na imbricação entre um ponto de vista metapsicológico (isto é, no modo como se considera a questão do valor no âmbito da compreensão dos processos psíquicos) e outro, que poderíamos chamar de determinações sociais e históricas da psicanálise, que necessariamente passam pelo aspecto econômico (como no seu estabelecimento como uma das profissões ditas *liberais* no Brasil; os efeitos mútuos entre teoria e contexto social são retrçados por BIRMAN [1989]).

III

Mencionamos acima que entre os quatro destinos pulsionais descritos por Freud, é a sublimação que nos interessa mais de perto. Ele assim a descreve: “A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que a pulsão se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual” (FREUD, 1914c, p. 25).

Esse afastamento da satisfação sexual da pulsão por meio da dessexualização da sua meta, ainda que mantenha sua força, é uma das principais chaves conceituais para explicar o fenômeno da criação artística e literária. Do ponto de vista metapsicológico, portanto, a arte é um destino pulsional privilegiado. Outro lado desta questão é considerarmos que, presa aos seus próprios determinantes históricos e sociais, a arte é um destino pulsional valorizado pela teoria psicanalítica em detrimento de outras

realizações possíveis. A profusão de escritos, teses e encontros psicanalíticos sobre esse tema seria, então, um dos efeitos desses determinantes (dos quais este artigo poderia ser, ironicamente, apenas mais uma prova).

É a partir da sublimação, também, que entendemos a abertura de investimento pulsional a objetos que, à primeira vista, não serviriam para nossa sobrevivência como indivíduos ou espécie: é essa possibilidade de satisfação pulsional a partir do afastamento da satisfação sexual propriamente dita que abre todo um campo de investimentos libidinais em objetos *socialmente valorizados*. A satisfação imediata abre espaço, assim, para uma satisfação a partir do reconhecimento social. A arte seria, então, uma das fontes possíveis de reconhecimento, prestígio e dinheiro tanto quanto o dinheiro é um dos mediadores privilegiados de tais coisas. Temos, então, que o risco apontado anteriormente se repete: *investimento libidinal* e *destino pulsional* se conjugariam na forma de um objeto em particular, qual seja, a arte (ou, especificamente, uma obra de arte qualquer).

Por fim, cabe ressaltar uma terceira análise possível para o valor da arte, além das duas apresentadas acima: a arte como uma “gratificação substitutiva” que nos permite suportar o mal-estar constitutivo de nossa cultura e de nossa subjetividade:

Existem três desses recursos [paliativos para suportar a vida], talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. *As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental* (FREUD, 1930, pp. 19-20, grifo nosso).

Retornamos, então, ao trecho que abre este artigo: vale ou não vale a pena pagar milhões de dólares por uma obra de arte? Vale ou não vale a pena pagar, por uma obra de arte, a quantia que for? E, no entanto se paga (não tanto quanto se paga por uma psicanálise, aparentemente), porque se paga por muito mais: o diabo é que arte e dinheiro, como objetos fantasmas, valem muito mais que a satisfação propriamente dita: poderíamos tomá-los como índice de uma *promessa* de satisfação, de reconhecimento e de prestígio. Indagar o valor da arte de um ponto de vista metapsicológico não deveria servir para ignorarmos que, assim como a psicanálise, a arte é também resultante de seu contexto histórico e social. Só compramos arte porque ela também está à venda (a irracionalidade desse mercado está bem documentada por THOMPSON, 2012 e THORNTON, 2008).

Nesse ponto, é impossível não questionarmos se, usando a psicanálise para questionar a arte, não recebemos como resposta algo sobre a situação da psicanálise ela mesma. O que não deixa de ser, numa segunda ironia, bastante psicanalítico.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marielle Kellermann. “Valores de análise didática pelo mundo”. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, v. 50, n. 92, pp. 305–8, 2017.
- BIRMAN, Joel. “O valor da psicanálise”. In: ROPA, D.; MAURANO, D. (coord.). *Agenda de psicanálise*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- DANTO, Elizabeth Ann. *Freud’s free clinics: psychoanalysis and social justice, 1918–1938*. Nova York: Columbia University Press, 2005.
- FONSECA, Vera Regina J. R. M. “A formação pelo mundo: ideias, modelos e possibilidades de acesso”. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, v. 50, n. 92, pp. 295–303, 2017.
- FREUD, Sigmund. “O poeta e o fantasiar”. In: _____. *Arte, literatura e os artistas*. Trad. e notas de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp. 53-66. (Texto publicado originalmente em 1908.)
- _____. “O início do tratamento”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia... (1911–1913)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 163-192. (Texto publicado originalmente em 1913.)
- _____. “O ‘Moisés’, de Michelangelo”. In: _____. *Arte, literatura e os artistas*. Trad. e notas de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp. 183-219. (Texto publicado originalmente em 1914.)
- _____. “O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na Gradiva... (1906–1909)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 13-122. (Texto publicado originalmente em 1914.)
- _____. “Introdução ao narcisismo”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo... (1914–1916)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 13-50. (Texto publicado originalmente em 1914.)
- _____. “Os instintos e seus destinos”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo... (1914–1916)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 51-81. (Texto publicado originalmente em 1915.)
- _____. “Caminhos da terapia psicanalítica”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 14: História de uma neurose infantil... (1917–1920)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 279-292. (Texto publicado originalmente em 1919.)
- _____. “O mal-estar na civilização”. In: _____. *Sigmund Freud – Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização... (1930–1936)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 13-123. (Texto publicado originalmente em 1930.)
- MARTINS, Eduardo de São Thiago; LEITE, Rodrigo Lage. “O custo da mudança: do incômodo ao movimento”. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, v. 50, n. 92, pp. 141-151, 2017.

- ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- THOMPSON, Don. *O tubarão de 12 milhões de dólares: a curiosa economia da arte contemporânea*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: BEI Comunicação, 2012.
- THORNTON, Sarah. *Seven Days in the Art World*. Londres: Granta, 2008.